A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PRÁTICA CONTRA-HEGEMÔNICA

LUCAS MOURA BARBOZA[1]; LUNA LUIZA PASSUELLO GIRÃO LINO[2]; FELIPE MERKER CASTELLANI[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas – lucas02moura@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – lunagirao@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o início do período do ensino remoto emergencial, o Grupo de Pesquisa Corpo-Imagem-Som organizou conversas online com convidadas(os/es), a fim de debater temas de pesquisa que, muitas vezes, não são trabalhados com afinco em disciplinas e nos currículos acadêmicos. Paralelo às falas, entre os membros do grupo foram realizados encontros semanais para leitura e análise de textos que seguissem a mesma proposta dos eventos. Dentre as leituras, destacamos a autora e professora bell hooks - Gloria Jean Watkins, teórica feminista, ativista e artista estadunidense - e seu livro *Ensinando a Transgredir - Educação como prática de liberdade*, no qual a prática pedagógica é apresentada como um lugar politico e de resistência. Assim, as práticas educacionais tornaram-se uma pauta pertinente em nossos encontros e debates, por a considerarmos uma ferramenta indispensável na luta antiracista e antisexista, já que não é possível projetar uma sociedade justa e diversa, sem uma estrutura educacional alinhada a tais causas.

O ensino e a educação nunca foram apolíticos. E essa relação dual entre os dois campos, política e educação, se refletem nos currículos e nas práticas educacionais do ensino básico ao superior. Pensar a extensão universitária dentro desse contexto em períodos como os atuais, onde além da crise sanitária instaurada pela pandemia do vírus COVID-19, se vivencia a fragilidade do sistema educacional diante do desmonte de diversas das políticas públicas e de ações afirmativas, passa a ser um ato de resistência. Neste trabalho, fazemos coro às indagações de Nilma Lino Gomes:

> É possível educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo capitalismo, pelo machismo e pelo racismo? Se os movimentos sociais reeducam a sociedade e a escola, que saberes eles têm trazido para o campo educacional? Qual tem sido o lugar ocupado por esses saberes do cotidiano da escola, dos currículos e das políticas educacionais no séc. XXI? (GOMES, 2019, p.38).

Buscamos no presente trabalho apontar iniciativas no campo da extensão universitária, da pesquisa acadêmica e da produção de conhecimento em geral que contribuem para o estabelecimento de contextos de práticas educacionais anti-racistas, anti-sexistas e contra-coloniais. Analisaremos algumas das ações do grupo de pesquisa Corpo-imagem-som: pesquisa artística e práticas experimentais (CNPq-UFPel), bem como de outros núcleos de estudo de coletivos que desenvolvem ações fora do âmbito universitário.

2. METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada é embasada a partir de levantamento bibliográfico de documentos que balizam as políticas educacionais brasileiras como: o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009)[1], o Plano Nacional de Educação (PNE), A Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, e as Leis 10.639 e 11.645. Bem como os livros: *O movimento Negro Educador*, de Nilma Lino Gomes; *Ensinando a Transgredir - Educação como prática de liberdade*, de bel hooks; *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*, de Renato Noguera; e o artigo *Extensão Universitária: Para quê?*, de Moacir Gadotti.

Além disso, também foi realizado o levantamento de ações de grupos de pesquisa, ensino e extensão universitários, pertencentes à comunidade acadêmica da UFPel e também de grupos da sociedade civil organizada que visam debater práticas educacionais emancipatórias, alinhadas as pautas anti-racistas e anti-sexistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A diversidade nos núcleos de formação e grupos de pesquisas formados a partir do contexto da extensão universitária, apresentam-se como uma alternativa para a manutenção das diretrizes educacionais instituídas por meio da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, do Plano Nacional de Educação e as Leis 10.639 e 11.645.

A efetivação de uma educação integral compreendida nas três funções basilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão, aplicada em uma realidade desigual como a brasileira, necessita cada vez mais de uma abordagem que vai dos currículos dos cursos de formação aos autores das produções teóricas e das ações práticas desenvolvidas. Encontrando uma alternativa de combate às desigualdades na relação entre extensão universitária e as ações populares, na perspectiva de uma educação popular e anti-racista.

> O currículo não é a soma de um conjunto de disciplinas. Ele traduz um projeto político pedagógico integrado. Por isso, um dos principais desafios da curricularização da Extensão está na superação de uma prática fragmentada de pequenos projetos por uma prática integral e integradora (GADOTTI, 2017, p.9)

Gostaríamos de apresentar diferentes grupos que são referência para o desdobramento de nossos estudos e ações: o *Núcleo de Estudos É'LÉÉKO*[2], que trabalha temáticas a partir do pensamento negro contra-colonial no campo das ciências humanas e da saúde; as ações da *UFPreta*[3], coletivo de resistências de estudantes, técnicos(as) administrativos(as) em educação e docentes da UFPel; *A Rede Museologia Kilombola*[4], espaço de acolhimento para estudantes e profissionais negros da área de Museologia, que objetiva discutir epistemologias

[1] Acesse Plano Nacional Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009) em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf
[2] Mais informações sobre o Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ em: https://wp.ufpel.edu.br/eleeko/sobre-o-eleeko/
[3] Mais informações sobre o Coletivo UFPreta em: https://www.instagram.com/ufpreta/
[4] Mais informações sobre o Rede Museologia Kilombola em: https://linktr.ee/museologiakilombola

contra-hegemônicas; e a *Rede de Jovens do Fundão do M'Boi Mirim*[5], coletivo de jovens do Jardim Ângela que atua desde 2010 com ações afirmativas e políticas públicas nas comunidades da região do extremo Sul da cidade de São Paulo (SP).

Das ações do Grupo de Pesquisa Corpo-Imagem-Som, destacamos a realização de um ciclo de debates online com a participação de docentes, discentes e pesquisadores independentes, objetivando a construção de um panorama amplo de reflexões acerca das relações entre as práticas artísticas e as epistemologias afro-diaspóricas e contra-hegemônicas.

Contabiliza-se o total de sete conversas remotas realizadas desde o primeiro semestre de 2020. O ciclo iniciou-se com a participação do Prof. Dr. Marco Scarassatti (UFMG), que realizou a palestra intitulada: Igbá, Òdú, Òrìṣà: os sentidos entrelaçados numa cosmopercepção afro-brasileira da arte sonora, que foi seguida pelas conversas: Criação musical e sonora para o audiovisual, com Julia Teles e Pedro Santiago; Experimentações em cultura eletrônica com o Prof. Dr. André (DeCo) Nascimento; Descolonizar a escuta: intrincamentos entre música e a questão racial, com a Prof.ª Dr.ª Rosa Couto. Em 2021, seguindo a configuração remota, o ciclo retornou com a presença do artista e pesquisador Romulo Alexis, com a conversa intitulada: O Corpo Sublime na Abolição da Temporalidade; seguida pela poeta, pesquisadora e educadora Prof.ª Ms.ª Janaina Machado que apresentou a palestra: O pensamento dos Racionais MC's: Radiografias epistêmicas e, encerrou-se com uma conversa com a artista, pesquisadora e graduanda em História da Arte (UNIFESP), Maria Luiza de Meneses, intitulada: História da arte, imagem e gesto: como fantasmas permanecem?

Paralelo às falas organizadas, o Grupo de Pesquisa Corpo-Imagem-Som, participou da mesa temática Pluriversalidade e ética na pesquisa[6], parte do evento intitulado Lab eXtremidades: Da adversidade seguimos vivendo, promovido pelo Grupo de Estudos Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea (PUC-SP)[7]. Na ocasião foram abordadas e reflexões sobre as epistemologias contra-coloniais brasileiras e questões relativas aos debates étnico-raciais no campo de pesquisa acadêmica.

4. CONCLUSÕES[8]

Dentro do contexto acadêmico atual, a extensão universitária assume o papel de transmitir e disseminar os conhecimentos construídos. Dado este fato, surge a questão acerca do processo da produção e disseminação desses conhecimentos: o quanto estamos próximos da comunidade, da população e de seus interesses?

> A extensão universitária é a atividade acadêmica capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade. (BRASIL, 2001, p. 02).[9]

---

[5] Mais informações sobre o Núcleo de Jovens Políticos em: https://www.instagram.com/nucleodejovenspoliticos/?utm_medium=copy_link

[6] A fala do grupo de pesquisa Corpo-imagem-som na mesa temática Pluriversalidade e ética na pesquisa, pode ser acessada no seguinte endereço da web: https://youtu.be/8KQ9eNMD_QY

[7] O Grupo de Pesquisa Extremidades pesquisa em redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea. Para conhecer mais, acesse: https://www.instagram.com/plataformaextremidades/;

[8] Agradecimento especial à parceira de pesquisa Natalia Homero, atriz e educadora, que durante o período que nos preparamos para a mesa *Pluriversalidade e ética na pesquisa*, desenvolveu textos levantando indagações e análises sobre o campo educacional acadêmico, desta forma, contribuindo para muitos dos pontos levantados na conclusão.

[9] Acesse: Guia de Integralização da Extensão nos currículos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Pelotas

Reforçamos a necessidade de romper com as molduras tradicionais de ensino, uma vez que o conhecimento gerado possui um viés cultural hegemônico (euro-estadunidense), acaba por comunicar-se somente com aqueles que compartilham tais pressupostos em suas vivências. No entanto, é preciso reconhecer a existência de outros saberes e outros meios de produzi-los.

A realização da pesquisa em um país em que as bases de formação cultural provém dos povos originários e de cosmopercepções africanas, necessita urgentemente da criação de modelos que contemplem estas matrizes existenciais. A prática de pesquisa com um viés contra-colonial, abre um caminho possível para que a Universidade se comunique com diferentes contextos sócio-culturais, cumprindo assim sua função social.

Concluído, deixamos um agradecimento às parceiras e parceiros de pesquisa do grupo de pesquisa Corpo-Imagem-Som: Andy Marques, Natalia Homero, Renata Sampaio e Marco Antônio Duarte. E ao nosso Coordenador, Felipe Merker Castellani. Este foi um trabalho alimentado e construído em conjunto através de encontros, leituras e reflexões - estes muitas vezes informais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

HOOKS, b. **Ensinando a Transgredir - Educação como prática de liberdade**. São Paulo: wmf martinsfontes, 2013.

GOMES, N. **O Movimento Negro educador - Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

NOGUEIRA, R. **O ensino de filosofia e a lei 10.639** - 1.ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014. 136 p.: 21 cm. da publicação.

Artigo

Gadotti, M. Extensão universitária: para quê? **Instituto Paulo Freire**, v. 15., p. 01 - p. 18, (2017).

Gadotti, M. Educação popular, educação social, educação comunitária. **SciELO**. (2011).

MICHELON, F. F. et al. **Guia de integralização da extensão nos currículos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Pelotas**. (2019).

Documentos eletrônicos

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 70 de 29 de março de 2012. Senado Federal.

BRASIL. Lei 9.394 - Plano de Nacional de Educação - Brasília, 20 de dezembro de 1996. Acessado em 06 de Agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm